



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	700	130
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	750	140

36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1232

20 de Março de 1913

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



TEATRO DA REPUBLICA — O ACTOR BRAZÃO NO «HAMLET» — SER OU NÃO SER...

Eduardo Brazão realison na sexta-feira passada, a sua festa artistica, á qual acorreu tudo o que em Lisboa ha de distinto nas letras e na sociedade, prestando por essa forma ao illustre actor a homenagem a que por todos os titulos tem jus. Representou-se o «Hamlet», a celebre tragedia de Shakespeare, traducção de José

Antonio de Freitas. Conhecido é do publico o trabalho magistral de Brazão no «Hamlet». Foi uma inolvidavel noite de arte e tambem noite de glória para o nosso grande actor, a quem um grupo de amigos ofereceu uma rica pasta contendo milhares de assignaturas dos seus admiradores.

(Cliché Alberto Lima)

CRONICA OCCIDENTAL

Domingo, nove do corrente mês, celebrou-se com entusiasmo pelo paiz em fóra, a festa da Arvore.

Dia lindo!

Parece que a natureza se ataviara de galas ricas para acolher no seu seio com alegria e carinho esse bando de criancinhas palmeiras que a iam saudar, em romagem, cantando e rindo.

O sol abria aos seres amigos o coração generoso, desabrochava em luz plena, e polvilhava de polen criadôr as almas e os espaços. Uma brisa respirava docemente e envolvia as coisas na sua cabeleira fluida de carícia e encanto.

Lisbôa acordou em festa. As crianças das escolas, surpreendidas, em casa, nos seus pequenos leitos de sonhos inocentes, por uma restea de sol glorioso e brincante, acordaram estremunhadas de alegria; e n'uma algaravia encantadôra iam recordando as canções bonitas ensinadas e figurando na pequenina imaginação em sobresalto a festa em perspectiva desse dia lindo.

Quem passeiasse por Lisbôa central e suburbios, ao meio-dia de luz e suavidade desse domingo, ficaria encantado ao ver deslisar caminho-fôra essas multidões gárrulas envoltas em poeira e canções e risos estridulos, numa longa romaria ao logar de saudação e culto da Arvore-Amiga.

Bem longe, emfim, estamos desse tempo mirrado e árido, em que os homens se afastavam da natureza, por sistema, com desprezo e soberbia. Bem longe, bem longe, do tempo em que esse Matherbe, frio e delicado, interpretando o sentimento da sua época, dizia, referindo-se a Fontainebleau, com indiferença e enfado:

Et je deviens plus sec quand j'y vois de verdure.

Os poetas — essas aves tímidas e canoras, que parecem resurgir e exaltar-se, no desafio duma liberdade plena, no meio exuberante e inspirativo da natureza, á sombra das arvores teóricas — enclausuravam-se voluntariamente nos salões e acariciavam e apertavam a corrente fácil que os prendia e abençoavam o ar mofado que os sufocava.

Agonisavam em plena natureza. Era a liberdade que os manietava na teia incoercível dum tédio sem fim. Asfixiavam os o ar dos espaços amplos. E o Silêncio — este Silêncio bemdito, de paz e carícia e lindas sugestões, que converge aos seus lábios de bronze, em surdina, em unisono, todas as melodias sábias e discretas das Coisas — erguia-se deante deles como esfinge hostil. Não no compreendiam.

Reação salutar, agiu, mais tarde, violentamente.

E hoje nitidamente se orienta o regresso á natureza-mãe. De resto, nós, portuguezes, indolentes e sonhadôres, nunca nos pudemos afastar e libertar do encantamento da nossa paizagem que nos enleia e prende o olhar em extase. As festas e jogos campezinos, e romarias, celebradas e comemoradas, sempre, em todo o Portugal, pelos tempos mais

adversos, exprimem bem as necessidades de temperamento da nossa Raça, pagã e mística, resignada e religiosa. Só, ha breves anos — é necessario acentual-o — com magua o dizemos, os nossos campos começaram de despovoar-se; e as multidões, dos mais diferentes pontos do paiz, começaram a afluír, em onda avassaladôra, na febre da curiosidade e ancia de melhor sorte, ás grandes cidades da miseria e lama, do luxo e vicio.

Todos os anos, dia a dia, das aldeolas mais longinquas, das cidades pacatônas e assoalheiradas de provincia, vêm desaguardo, numa invasão doida, operarios, vádios, galdérias, mendigos, á linda e lamacenta foz de Lisbôa ou Porto — onde a concorrência se torna mais desvairada e miseravel.

Vem, pois, no melhor a proposito e assim merece mais fervorosa aceitação, a iniciativa da celebração, em festa nacional do Culto da Arvore.

Que os nossos esforços se não limitem, porém, á celebração ou comemoração destas festas. Devem ir indubitavelmente mais além...

Proporcione-se meio de expandir fundamentalmente este amôr á Arvore que nós plantamos e criamos e á terra bem-amada onde nascemos.

Sendo nós um povo de agricultôres, é urgente que se decretem boas medidas de fomento agricola, para obstar não só a esta afluência desmedida e constante de gente util ás grandes cidades onde se esterilisa e morre, mas também a este enormissimo e terrivel impulso de emigração manifesta e clandestina que nos corroe, mais e mais, latente e desoladoramente.

Na verdade, é aflitivo; as gazetas não cessam de noticiar, semana a semana, num tipo miudinho, nitido, desesperadôr, uma emigração inquieta, mais e mais, crescente, das regiões, outrora, as mais resignadas, para paizes distantes — Argentina, Brasil, America do Norte — onde sem duvida — desgraçados! — a vida lhes será mais ingrata e o pão ganho jorna a jorna mais amargo de suor.

Bem dita, pois, toda a iniciativa que enraize os nossos corações, em festa, neste lindo Portugal de maravilhas.

A Festa da Arvore realizou-se entusiasticamente por todo o paiz. Em Lisboa, todas as coletividades a ela se associaram, de coração e espirito.

Se nos é permitido, por um momento, pormenorizar, não podemos deixar de recordar com enlevo a festa celebrada no Jardim Zoologico onde se reuniram milhares de creanças e adultos. Tarde primaveril. Sol num deliquio de suavidade. Vento brando.

As crianças dançavam e cantavam em volta do grande ulmeiro secular que Raul Lino ornamentara. No recinto dos palmitos, a Junção do Bem plantava um plátano.

Aclamações festivas estrugiam. E as crianças revelavam a sua alegria num esfusiar de riso rastilhante e entoavam canticos alegoricos e dançavam numa roda-viva de regosijo.

Inumeros e diversos, os logares, em Lisboa, onde á Arvore se rendeu culto.

Té no largo de S. Miguel do velhissimo bairro de Alfama, uma palmeira nostalgica e religiosa foi alevantada...

Foi também na tarde desse lindo dia de domingo, que se iniciaram as festas desportivas promovidas pela gazeta da manhã — *O Mundo*. Iniciaram-se auspiciosamente no excelente campo do *Sporting Club*, que se póde comparar, sem desdouro, aos melhores recintos para exercicios de *sports* das grandes cidades estrangeiras. Ali concorreram, em borborinho, dominados da mais viva curiosidade, milhares de pessôas.

Por vezes, os exercicios eram interrompidos por exclamações de entusiasmo e frenesi que se elevavam de ponto, insustentaveis, sem que qualquer incidente desagradavel viesse esfriar a calorosa alegria desta festa. E isto bem mostra já o interesse e o entusiasmo que em Portugal vão merecendo os restaurativos exercicios de *sport*. E era bonita a perspectiva daquele magnifico campo!

Visto de alto e a uma certa distancia, o numeroso publico espectador era como longa serpente monstruosa, aflante, reluzente ao sol, de tonalidades vivas, em ancia, a estorcegar-se, a colear inquietamente...

Na tribuna, vê-se já uma numerosa assistencia na qual se destacam a figura meiga e veneranda do Sr. Presidente da Republica, ministros e outras entidades eminentes na politica portuguesa.

Bandas de musica, vibram fanfarras...

Cerca de 1 hora e meia, começa a cumprir-se com regularidade o programa anunciado.

E os concorrentes desfilam, em grupo, ante as multidões. E iniciam-se as provas eliminatorias que incendeiam um longo rastilho de entusiasmo na população que esbravata e clama e ergue os braços em saudação. A noite cae. E só então a multidão dispersa...

As festas sportivas continuam a realizar-se com vivo entusiasmo pela semana adiante.

Chegou a Lisboa o campeão de França, Mr. Duchateau, expressamente para tomar parte no campeonato de pesos e alteres.

Portugal, perdido de si, ha tantos anos, procura encontrar-se. Tateia os pulsos, em febre, passa as mãos estremunhadas pela frente, em suor, bate no peito, em furia, e procura erguer-se do letargo mordorrenco que o tem succumbido e acobrunhado despresivelmente.

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

O novo presidente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte, sr. Woodrow Wilson

No dia 4 do corrente installou-se na Casa Branca o novo presidente da republica norte-americana, que em 5 de novembro ultimo fôra eleito para aquelle alto cargo, apoz uma das mais renhidas campanhas eleitoraes realizadas naquella florescente nação. D'essa lueta retumbante, em que entraram *William Taft*, o presidente em exercicio, *Theodoro Roosevelt*, seu antecessor e *Woodrow*

Wilson, foi este quem triumphou por enorme maioria, contra republicanos, progressistas-rooseveltistas e socialistas.

Como Washington, Jefferson, Madison e Monroe, o sr. Wilson é originario do Estado de Virginia. Nasceu em Staunton a 23 de Dezembro de 1855. Seu pae, distincto theologo, de origem escocesa, mandou-lhe dar uma educação solida no *Davidson College*, na Carolina do Norte, e mais tarde em Princeton.

Dedicou-se á advocacia, em Atlanta, mas os clientes não abundavam, o que lhe permittia a frequencia das bibliothecas e avanço dos seus estudos predilectos, publicando pouco depois uma obra intitulada *Congressional Government*, que lhe deu accesso á cadeira de historia politica no *Bryn Mawr College*. Em 1888 foi nomeado professor de economia politica na *Wesleyan University*. Dois annos depois entrou na Universidade de Princeton, onde, em 1902, passou a occupar o lugar de presidente.

Entretanto havia publicado outros trabalhos, entre os quaes *The State*, tratado de sciencia politica, que é considerado um manual classico nos Estados Unidos, e *Uma Historia do Povo Americano*, tambem muito popular.

A direcção da Universidade de Princeton lançou-o abertamente na vida activa. As suas idéas essencialmente democraticas expandiam-se pelos estudantes confiados á sua guarda. Seu primeiro objectivo foi acabar com os clubs de jovens millionarios, que eram verdadeiras capellinhas, protestando com toda a força contra as tendencias da aristocracia plutocratica, que procurava intrometter-se cada vez mais nas questões universitarias.

D'aqui nasceu o seu radicalismo que elle exprimiu nestas palavras: — «Havemos de permittir que essas influencias que agora dominam a nossa vida commercial, venham apoderar-se dos nossos collegios? A grande voz da America não vem dos templos do saber; vem, como um murmuro, das collinas e das florestas, das quintas, das fabricas, dos moinhos e, ao propagar-se, avoluma-se até alcançar a morada dos homens do povo.

«Ouvimos nós esses murmurios nos corredores das Universidades? Ah, não!

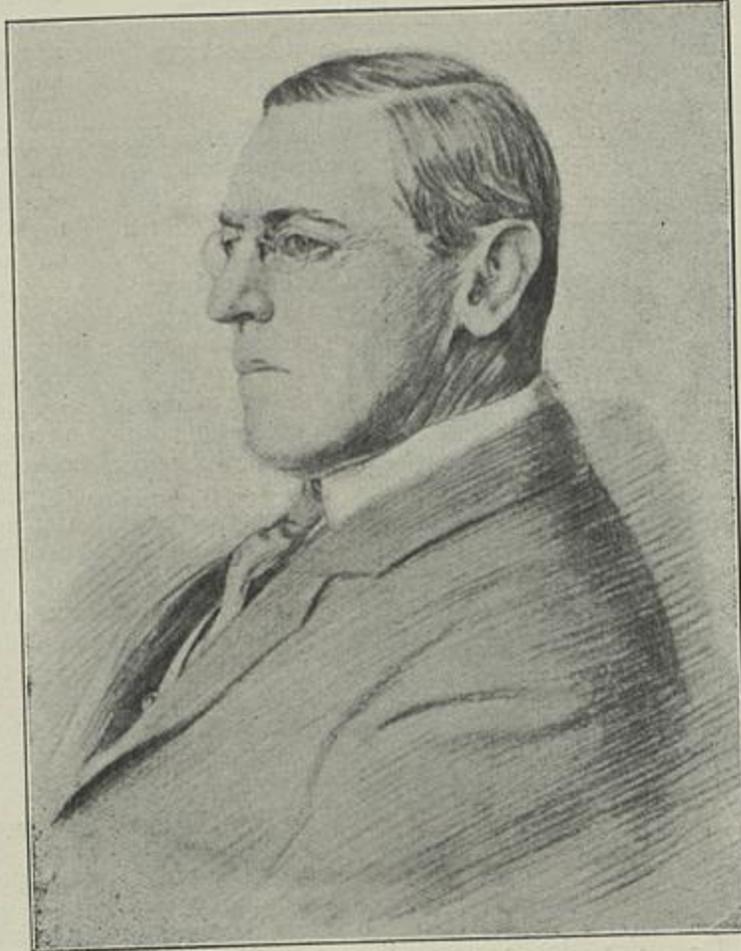
«As Universidades contribuem muito para que os mancebos esqueçam a sua origem commum e o amor da humanidade, grupando-se em «classes», quando afinal uma classe nunca poderá servir os Estados Unidos.

«Empregarei, pois, toda a minha energia na regeneração do espirito democratico da mocidade.»

O sr. Wilson conseguiu colher os melhores fructos da sua propaganda, mas á custa de grande esforço e dedicação.

Em 1910 abandonou a universidade para se apresentar aos eleitores de *New-Jersey*, como governador. Depressa mostrou que os theoreticos são ás vezes os

homens mais praticos do mundo, e o seu nome começou a ser indigitado para a presidencia. Na Convenção de Baltimore, apoz 47 scrutinios, o partido democratico impõe Wilson á maioria, ei-lo em campanha aberta para a conquista da Casa Branca. Revisão de pautas, combate dos *trusts*, libertação dos compromissos financeiros, appello á moralidade publica, eis os principios que serviram a sua causa, e para cujo exito contribuiu em grande parte o esphacelamento do partido republicano, que o coronel Roosevelt pretendia «purificar».



DR. WOODROW WILSON

NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

O sr. Woodrow Wilson é o 27.º presidente dos Estados Unidos; o partido democratico, que elle representa, vae agora estar senhor da Casa Branca apoz 16 annos de afastamento.

No discurso inaugural, o sr. Wilson pediu o concurso de todos afim de se dominarem essas pezadas influencias que esmagam o povo, sobre tudo a cupidez dos monopolios, a pauta protectora e a concentração do poder do dinheiro em pequeno numero de mãos. Mas o seu dever é restaurar e não destruir.

O sr. W. Wilson sóbe á presidencia com a confiança geral da nação norteamericana, que muito tem a esperar da integridade do seu character, da sua alta envergadura intellectual e da vastidão dos seus conhecimentos juridicos. Muito affavel e sympathico, embora sem belleza classica, como se vê d'este grácioso retrato que aqui fielmente reproduzimos:

*For beauty Y am not a star.
There are others handsomer by far.
But my face — Y don't mind et,
For Y am behind it,
'Tis the people in forwt that Y jar.*

o que traduzido livremente resa assim: «Em belleza não sou uma estrella. Ha outros muito mais bonitos. Não me importa a minha cara, pois que estou atraz d'ella. Os que estão na minha frente é que podem sentir-se incommodados.»

Madame Wilson e suas tres filhas, diplomadas pela universidade e dotadas de elevadas aptidões intellectuaes, eis a familia do novo presidente, que mais de 600 estudantes de Princeton acompanharam a Washington. Na estação de partida, o presidente Wilson mostra mais uma vez o seu bom humor, subindo á balança para se pesar. «Peço 179 libras, disse elle. Agora estou prompto para entrar na arena.»

Dignas de respeito são estas suas palavras ha pouco proferidas:

«Desde a minha mocidade, o meu temperamento attrahia-me para a vida politica; estudei direito, por ser esta a carreira que naquelle tempo mais facilmente conduzia á vida publica; abandonei depois a profissão de advogado, porque verifiquei a impossibilidade de ser ao mesmo tempo politico e advogado honesto. Passei a estudar as sciencias politicas e, para isso, voltei á escola e entreguei-me todo aos livros, em que se aprende a sciencia do governo. Pensam geralmente que eu nasci um academico; de facto, o que sou, visualmente, é um homem de trabalho.»

Uma crise politica no Japão

A morte do imperador Mutsu-Hito, o grande rei, e com este o grande Nogi, que quiz ir juntar-se-lhe na mansão dos justos, representa a decadencia politica caracterizada pela instabilidade dos governos e pela excitação das massas, que claramente estão seguindo as ideias dos povos occidentaes, imitando-lhes os usos e... as investidas aos jornaes affectos ao governo. Durante tres dias a multidão de Tokio manifestou-se ruidosamente nas ruas contra o ministerio *Katsura*, travando rijos combates com a policia e com a tropa.

O gabinete *Katsura* succedeu ao de Saionji, que era muito popular, mas que não tinha o apoio da cõrte e não conseguira substituir o ministro da guerra, a quem se haviam recusado novos créditos.

O principe *Katsura*, que foi presidente do conselho de 1901 a 1906 e de 1908 a 1911, acceitou o arduo encargo de conciliar interesses aparentemente inconciliaveis; mas, perante a decisão do governo, negando ao parlamento competencia para resolver questões militares, levantou hostilidades que o forçaram a adiar por duas vezes as camaras, e, por fim, a abandonar o poder.

A sessão de 5 de Fevereiro foi memoravel na historia japoneza: nella, pela vez primeira, se discutiu o alcance dos rescriptos e das palavras imperiaes. O

povo, que até ali olhára o soberano como intangível e infallível, exige que os rescriptos imperiaes tenham as assignaturas dos ministros. O ex-presidente do municipio de Tokio, o fogoso parlamentar *Ozaki Yukio*, é o porta-voz d'essa exigencia, e dirige um ataque feroz aos ministros, que acusa de abuso de poder. Cá fóra, a multidão vocifera contra o governo e assalta as immediações do parlamento, ameaçando com a morte.

Os jornaes ministeriaes são assaltados e empastellados. Ha mortos e feridos na refrega.

O gabinete Katsura demitte-se e o imperador encarrega o almirante *Yamamoto* da constituição do novo ministerio.

O almirante Yamamoto, que accitou o poder num periodo tão agitado, nasceu em 1852.

Tomou parte na guerra da Restauração ao lado dos imperiaes; foi um dos

O governo de Constantinopla trabalha activamente para a realização da paz, correndo insistentemente que Mahmud Cheoket-pachá pensa em abandonar o poder, afim de se subtrahir ás responsabilidades resultantes da conclusão da paz em condições verdadeiramente deploraveis.

13—III—913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



HORAS

POR

Eugénio de Castro

Conhecem?

E' o autor duma vasta obra poética que desde 1884, ano em que deu á es-

tampa o seu primeiro trabalho até hoje, tem publicado vinte e seis livros ou pequenas brochuras, e feito reimprimir muitas outras que os anos, a fama ou a admiração dos entendidos tinham feito esgotar.

Bem que muitos dos seus livros sejam autênticas obras-primas, Eugénio de Castro não é conhecido do grande público, que o não

compreende. Não é o poeta dos humildes, dos que trabalham e sofrem; não é o poeta das fábricas, da lide dos campos, da luta dos mares; também não canta bélicas epopeias, não exalta tradições gloriosas, nem vultos sobrelevantes da pátria ou da alheia história. A sua arte, «para raros apenas», como ele próprio confessou um dia, exerce-se sobre mui diversos assuntos.

Eugenio de Castro é o poeta das curvas preciosas, das joias ardentes, das flôres irrisadas, dos arômas estonteantes, das mãos patricias, dos olhares extáticos, dos sonhos e pensamentos estranhos.

E' o intérprete de tudo o que é cambiante, instavel, fantástico e fugidio.

E' o descobridor de novas fontes de inspiração dentro de novas fórmulas de poesia; o homem que constrói símbolos e deduz efeitos imprevisos de causas desconhecidas.

Vive num mundo seu, muito á parte; e, como aquele lendário povo da Índia que se nutria do arôma das flôres, ele sustenta-se do substrato desse mundo que a sua fantasia concebeu.

Ancioso espirito, seduzido pelo inédito, pelo estranho, deixou-se cativar dess' arte rara, esquisita, extravagante, que o *beau pays de France* irradiou para todo o mundo civilizado, esse novo gongorismo enxertado dos seiscentistas nas ima-

ginações sequiosas, hiper-civilizadas dos filhos do seculo XIX, e foi ele quem desfraldou á geração literária portugueza o lábaro da poesia nova.

Os *Oaristos* e as *Horas* foram a profissão de fé de Eugénio de Castro, e mistér se torna conhecer estes dois livros para avaliar da sua feição artistica.

Trata-se agora do ultimo destes livros, que ha poucos dias saiu á estampa dos prélos de França Amado, editor conimbricense, que de resto tem dado á estampa quase toda a obra de E. de Castro.

Num longo prefácio, o dr. Manuel da Silva Gaio, velho amigo do poeta, disserta, nem sempre com claridade mas sempre com admiração, sobre o pessoalismo artistico do autor das *Horas*.

O simbolista acaba de revelar-se neste livro, que é, por assim dizer, o complemento do *Oaristos*. Porisso ainda hoje ele merece ser lido por quantos em Portugal se interessam por assuntos de arte ou literatura.

E quando eu escrevo arte, estendo o termo ás próprias artes plásticas, que na poesia teem, porventura, alguns dos seus melhores motivos de realização.

A escola simbolista é hoje apenas uma epanáfora literária; mas a sua passagem nas letras não foi decerto uma expressão sem sentido. Ficaram ainda e ficarão talvez até que outro Verbo novo revolucione a Poesia, o seu vocabulário colorido, o seu ritmo vibrante, a sua variação indefinida de fórmulas e sentidos, a sciência de investigar nas coisas o que elas teem na sua essência, de vago, de indefinido, de inapreensível ás maiorias.

*
* *

Mais tarde o Poeta, como escreve o seu prefaciador, «na posse de mais amplos recursos, com mais larga visão, dominando mais abertos horisontes», abandonou as fileiras nefelibatas, e deu-nos obra mais alta, mais humana, despejada de preocupações exóticas.

O artista, porem, ficou nele o mesmo — ansioso da perfeição, conservando a sua maravilhosa retina fixativa dos aspectos bellos, e convertiva d'esses aspectos em fórmulas de Poesia.

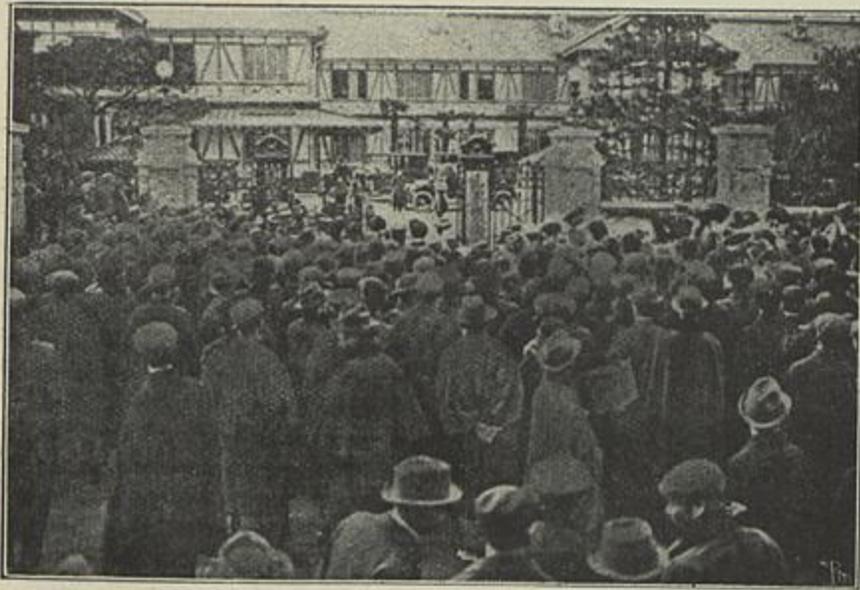
Alguns dos seus livros agora está reimprimindo E. de Castro, uniformisando-os no tipo que conserva desde *A sombra do quadrante* (1906). Ha cinco anos já, num jornal provinciano, eu aplaudi essa ideia. Acrescento hoje que seria para louvar uma edição *Omnium*, integral, definitiva. Mas que o cuidado de reeditar não impida o Poeta de criar. Muito ha ainda a esperar d'esse homem «infinitamente ansioso de claridade, agitado de estranho calor, chamado pela Beleza», como ele, pela bôca de Platão, declarou num dos mais admiraveis sonetos da sua obra.

M. CARDOSO MARTHA.

✽

FESTA DA ARVORE

Dos srs. Ramos & Silva recebemos uma gentil oferta que penhorados agradecemos, uns lindos lenços caprichosos, talhados em papel-arroz, onde se inscrevem pensamentos alegoricos á *Festa da Arvore*.



EM TOKIO — AS MANIFESTAÇÕES DO POVO CONTRA O GOVERNO, EM FRENTE DO PALACIO DO PARLAMENTO

primeiros graduados da escola naval e completou a sua instrução nautica fazendo uma viagem de circumnavegação num navio allemão.

Sahiu contra-almirante em 1904, almirante em 1906, anno em que geriu a pasta da marinha.

O actual ministerio é de concentração, constituído por personalidades do partido conservador e do democratico.

A guerra dos Balkans

O golpe joven-turco, para a posse do poder e consequente marcha para a guerra salvadora da honra turca, deprimida pela attitude de Kiamil, deu o resultado que se esperava. Os alliados, a despeito do mau tempo, conseguiram agora nova victoria sobre os turcos. *Jannina*, a capital do Epiro, cahiu já em poder da Grecia. *Essad-pachá*, commandante d'aquella praça, rendeu-se com todo o seu exercito de 32:000 homens. Perderam também 128 canhões.

Este triumpho grego foi animar os montenegrinos, que porfiavam na tomada de Scutari, a despeito das pretensões da Austria sobre a independencia da Albania.

A victoria da Grecia vem modificar a attitude das potencias com respeito á posse do Epiro, cuja capital a Austria queria incorporar na Albania.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA — A conferencia sobre Macau pelo tenente sr. Jayme do Inso

Macau, Joia do Oriente

Macau, a cidade santa, a joia das terras do Oriente!

Assim lhe chama um escriptor inglez que lá esteve e lhe apreciou os encantos.

Nós em Portugal, vivemos numa ignorancia quasi absoluta desta olvidada mas sympathica colonia.

E como pôde alguém interessar-se por aquillo que não conhece?

Pois de todas ellas, poucas haverá tão dignas da nossa attenção.

onde se tem gasto muitas energias e patrioticas dedicações.

Resurgiu entret nós felizmente, o problema colonial, e á frente dessa campanha altamente patriotica, tem-se encontrado sempre esta benemerita Sociedade de Geographia cujo papel, atrevo-me a dizer, ainda a grande maioria do nosso povo o não comprehendeu.

Ella tem feito muito, mas fazer tudo é que não pôde, e é preciso muito mais porque os problemas coloniaes tornaram se uma questão aguda na vida moderna.

Ai de quem o descurar e ai de nós tambem se não cuidarmos a tempo do que se passa no mundo colonial.

E' preciso convencer o Paiz que isto lhe interessa muito mais do que a regedoria caseira.

E' uma questão de vida ou de morte, e nós portuguezes não sabemos dar valor ao que temos porque não somos educados para isso no campo da vida pratica.

O primeiro trabalho para conseguir esta educação é, a meu ver, divulgar o conhecimento das colonias. Tal é a razão destas conferencias.

Macau é um bocadinho de terra que nos ficou como um padrão regado por muito sangue de valentes nas longinhas paragens do Oriente.

Pôde dizer se que cada pedra d'aquella cidade nos custou o preço duma vida; e a historia dessas luctas é de tal maneira interessante, que pouca gente imaginará que nos liguem á China tantos feitos e tradições.

E' vastissimo o assumpto que me proponho tratar, e é extraordinario como elle possa caber num promontorio minuscuro como é Macau.

Mas não admira que assim seja: Macau foi durante muitos annos o unico foco donde irradiou a luz e o commercio do Extremo-Oriente; era um ninho feito nas rochas donde nós, depois de expulsarmos os piratas terriveis daquelles mares, começámos a devassar os segredos que a China guardava tão bem guardados, que até construiu a sua muralha famosa para os defender.

E dahi cresceu a fama de Macau que, como a nossa, se não media pela grandeza da terra, mas pela meta dos feitos e ambições.

Para dar tanto quanto possivel, umas



PORTAS DO CERCO



TENENTE JAYME DO INSO

breves ideias geraes ácerca desta interessante colonia, examinaremos rapidamente a sua situação geographica e a sua topographia tão cheia de lindos panoramas; volveremos os olhos para o seu passado que encerra uma historia de aventuras, de heroismos, de martyrios e de soffrimentos, brilhando aqui e alli a estrella do esplendor; demorar-nos-hemos por instantes a observar a curiosa população chinesa, nalguns dos seus usos e costumes, o que é o mesmo que observar um pouco a China, visto que a grande massa da população é a chinesa; e finalmente, cuidaremos ainda do problema do futuro de Macau, futuro de ameaças e de incertezas, como tem sido toda a vida desta olvidada colonia.

Macau é uma cidade que fica situada numa península rochosa da ilha de Heang-Shan (ilha dos montes perfumados) que é uma das muitas



MACAU—PRAIA GRANDE



UM CHINEZ

A Festa da Arvore



1. O sr. Manuel Emigdio da Silva discursando ás creanças da «Junção do Bem» da freguezia de S. Nicolau, que plantaram um platano, no Jardim Zoologico.—2. Plantação de uma arvore junto do Museu de Artilharia pelas creanças da freguezia de Santo Estevão.—3. O ulmeiro secular do Jardim Zoologico ornamentado pelo sr. Raul Lino.—4. No velho bairro de Alfama, as creanças plantam uma palmeira no Largo de S. Miguel.—5. Plantação de arvores pelas creanças no largo da Fundição.

ilhas que se encontram no estuario do rio de Cantão.

Vizinhas de Macau ha duas grandes cidades de que Macau muito depende: Cantão, a grande cidade chinesa, e Hong-Kong, uma cidade moderna com a vida e o aspecto exuberante de riqueza como é o Imperio inglez em toda a parte onde o tenho admirado.

E Macau?

Não ha comparação possivel entre Macau e Hong-Kong; esta é rica, a outra é pobre, mas no meio do seu esplendor é triste porque tem a melancholia das terras inglezas, enquanto que a nossa Macau parece que brota alegria do seu recatado viver.

Hong-Kong impõe-se pela grandeza, Macau é mais humilde mas é mais mimoso, e está mais em harmonia com a gente portugueza.

Encontra-se em Macau o cunho caracteristico dum cantinho de Portugal.

Até o tanger dos sinos nos diz saudades da terra que deixamos.

Tem ainda a parte chinesa, o bairro china, ou Bazar, com o seu aspecto caracteristico, muito digno de ser visitado, principalmente de noite.

E' á noite que a vida mais se anima nas ruas do jogo e do prazer, com um aspecto caracteristico e retintamente oriental.

As ruas são estreitas e profusamente illuminadas pelas lojas e pelas casas de Fan-Tan que ostentam nas varandas muitas luzes e flôres.

E se a cidade china está em festa, o aspecto do Bazar torna-se uma verdadeira phantasia de magica onde as ornamentações, a vida, e as illuminações, são quasi impossiveis de aqui descrever.

E' pequenissima a península de Macau; dum extremo ao outro, desde as Portas do Cerco até á Fortaleza da Barra, são cerca de 5 kilometros, isto é, ainda menos do que do Terreiro do Paço a Belem.

Mas é extraordinario como neste bocadinho de terra se encontram paysagens tão variadas.

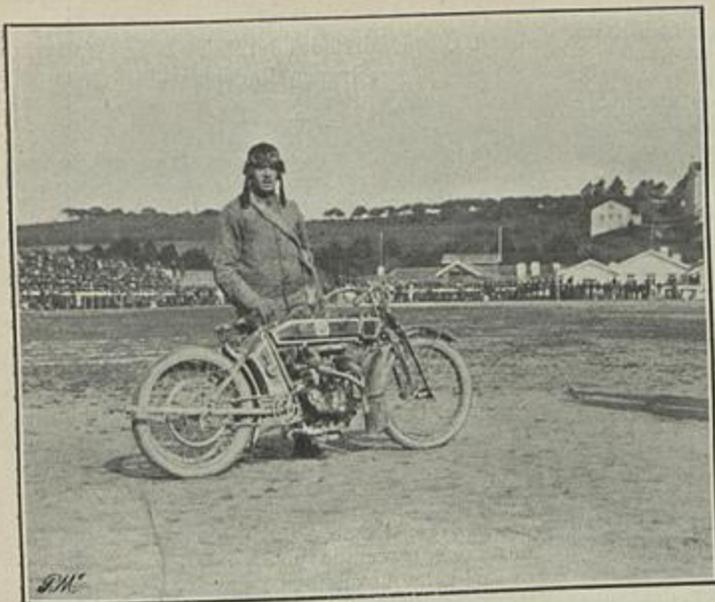
Até no mar a paisagem é diferente; não se veem senão lorchas, uns barcos extravagantes e monstruosos para o recémchegado.

Mas á força de os vermos, que passam aos centos, reconhece-se que aquellos monstros, que no começo nos espantavam, não são monstros mas sim bellezas, das muitas bellezas do mar.

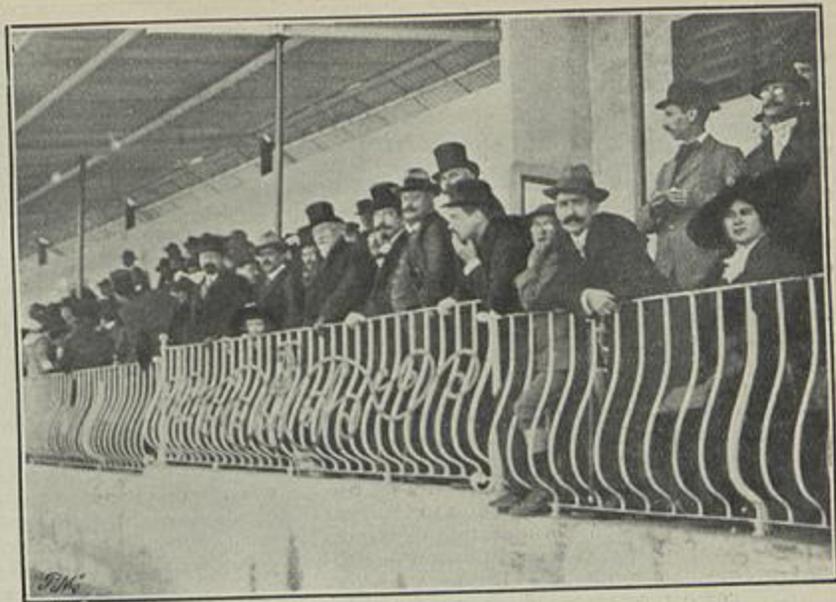
E o porto de Macau, com as suas *Tankareiras* que vivem nuns barquinhos chamados *Tankás*, tem uma certa poesia que é em tudo original; desde a forma dos bateis, verdadeiras casas ambulantes, até á maneira de remar.

Vinte annos depois da descoberta do caminho maritimo para a India, em 1495, enviaram os portuguezes a primeira expedição á China.

Sahiu de Malaca, e quem a mandou partir foi



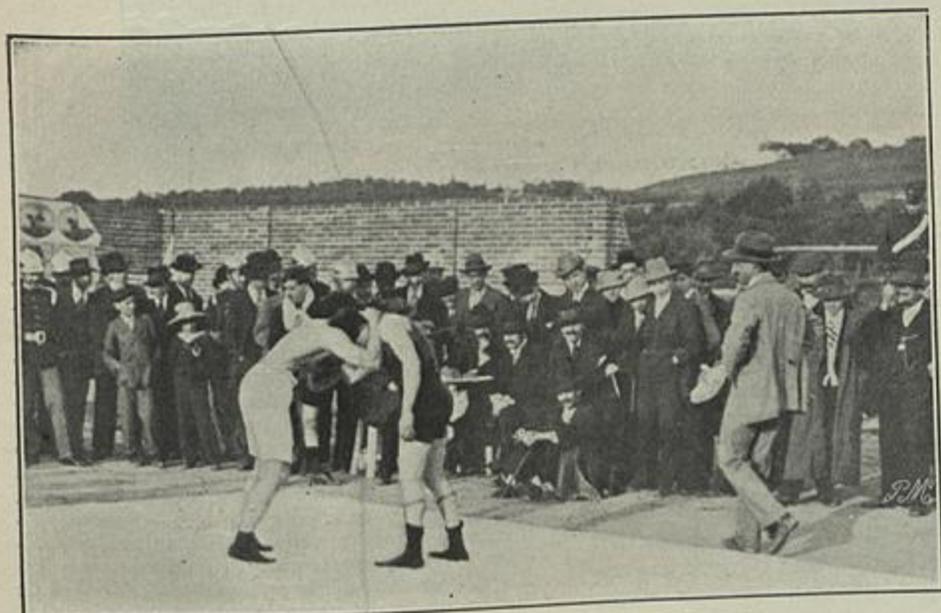
MOTOCICLETAS — O SR. MANOEL ANTONIO TEIXEIRA,
PRIMEIRO VENCEDOR



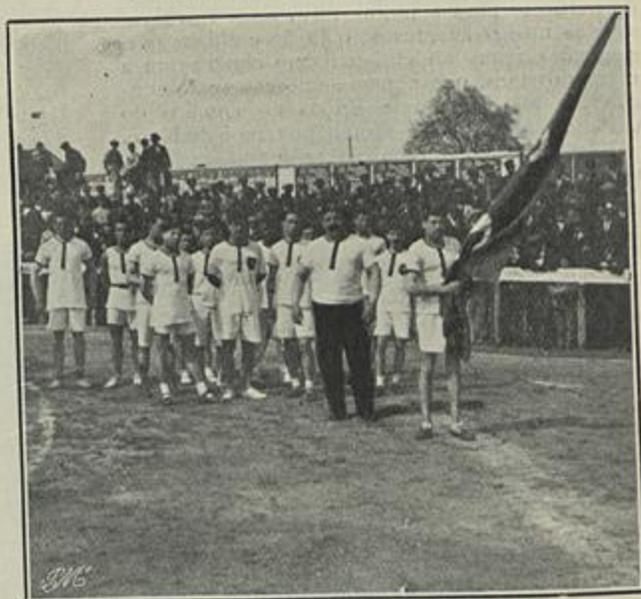
SUA EX.^a O PRESIDENTE DA REPUBLICA, MINISTROS E GOVERNADOR CIVIL
DE LISBOA, NA TRIBUNA RESERVADA, ASSISTINDO AO CONCURSO



UM ASPETO DO DESFILE DOS CONCORRENTES



LUTA GRECO-ROMANA



APRESENTAÇÃO DO «SPORTING CLUB»

No campo «Sporting Club» realizou-se durante a semana de 9 a 16 um grande concurso desportivo de: corridas de bicicletas, vencedor Carlos Fernandes — Motocicletas, vencedor Manoel Teixeira de Queiroz — Corridas pedestres, vencedor, Armando Cortezão — Saltos em altura com balanço, vencedor, Costa Cabral — Saltos á vara, vencedor, Cabeça Ramos — Corrida de 5:000 metros, vencedor, Aquilino de Sousa — Lançamento de peso, vencedor, Antonio Martins — Saltos de comprimento com balanço, vencedor, Gabriel Ribeiro — «Foot-ball» vence «Sport Lisboa e Bemfica», contra «Lisboa Foot-ball Club» — Saltos em altura sem corrida, vencedor, Carlos Santos, 1^m.42 — Saltos em comprimento sem corrida, vencedor, Damião de Goes — Pesos e alteres, vencedor, Padinha. Concurso hipico, 1.º premio Capitão André Reis, na egua *Florette*, 2.º Capitão A. Reis, no cavalo *Cometa*; 3.º Alferes Faro, no cavalo *Grilo*; 4.º Capitão Manuel Latino, no cavalo *Brutus*; 5.º Tenente Passos Calado, no cavalo *Vulcano* — Trens particulares, 1.º e 2.º premio, José Bento de Araujo — Prova de sargentos, 1.º Vieira, no cavalo *Lanceiros*; 2.º Neves, no *Gatuno*; 3.º Amado, no *Madeu*; 4.º Sousa, no *Vedeta* — No desafio final do Foot-ball, ganhou «Bemfica» — Esgrima, 1.º classificado, Mario de Noronha, 2.º Sebastião Heredia — Corrida de Maratona, 43 kilometros, vencedor, Armando de Almeida, em 3 h. e 42 m. — Luta grego-romana, vencedores, Americo Gabriel, Justino Vigarrio e Agostinho Santos, no *leves*; Antonio Neves, Antonio Brioso e Urbano Valente, nos *médios*; G. Andrade Silva e Carlos Santos, nos *pesados*.

um desses heroes antigos, cheios de virtudes altivas, que quanto mais tempo passa, mais o tempo os sublima! Foi o grande capitão, estadista, guerreiro e patriota que foi insigne entre os de maior fama, e que se chamou Alfonso de Albuquerque.

Em 1517 appareceu pela primeira vez ás portas da China uma armada portugueza de 5 naus e quatro juncos, com uma embaixada que levava uma carta e presentes do Rei de Portugal para o Imperador da China.

Começaram assim as nossas relações com a China que foram as primeiras que ella teve com as modernas nações da Europa.

Só cerca de 40 annos depois é que appareceu o nosso estabelecimento de Macau.

Nessa epocha a pirataria nas costas da China tomou taes proporções que o governo se viu impossibilitado de a reprimir, chegando a pôr cerco a Cantão em 1557 onde fizeram grandes destroços. Foi nesta altura que, segundo as chronicas de Macau, os portuguezes atacaram os piratas de tal sorte, que estes, vencidos, tiveram que refugiar-se nas ilhas ainda hoje chamadas dos Ladrões. E como recompensa dos serviços prestados, o Imperador concedeu-nos aquelle promotorio que nós conquistámos pela força das armas; e historiadores ha que affirmam que nessa concessão estava incluída toda a ilha de Heang-Shan fóra da jurisdição do Imperio porque pertencia exclusivamente aos piratas que formavam um verdadeiro estado á parte, regendo-se por leis proprias, cobrando impostos, etc.

Pelos meados do seculo XVI chegou Macau ao auge do seu esplendor, sendo o commercio do Japão a sua principal riqueza, e consistindo sobretudo em ouro.

Diz-se que Macau nos seus dias de maior prosperidade, recebia do Japão para cima do valor actual de 3 milhões de libras em barras de ouro.

E um historiador estrangeiro accrescenta que se os portuguezes tivessem mantido este commercio por mais 25 annos, o commercio de Macau teria ultrapassado o de Ophir, e Macau teria possuído mais ouro e prata do que Jerusalem no tempo de Salomão.

Macau foi tambem o fulcro do christianismo no Extremo Oriente, chegando os missionarios a interferir na politica do Imperio. Alguns delles, como Ricci, tornaram-se muito celebres, dirigindo exercitos em operações militares, construindo fortes, fundindo artilharia, dirigindo escolas e observatorios, dispondo finalmente de tal prestigio, que um delles chegou a reformar o calendario chinês, e a construir egrejas catholicas na propria Córte.

Macau foi tambem o ponto de irradiação donde partimos para a ultima terra onde nos levaram as nossas aventuras: o Japão e ahi, as perseguições feitas ao christianismo conduziram a martyrios taes, que alguns auctores os não consideram inferiores ás soffridas no começo do christianismo na antiga Roma, no tempo de Nero.

Não era demais que as novas gerações gastassem algumas horas a rever episodios e glorias

do passado que nos animam e nos confortam. E episodios desses, offerece-nos, e dos mais bellos, a nossa poetica Macau. Leiam a nossa historia heroica e brilhante do Extremo Oriente, e vejam se nessas paginas Macau não é uma joia que reluz e brilha como um astro rutilante que já se tivesse apagado na immensidade dos ceus.

Exagero por acaso?

Estou convencido que não.

Macau foi a primeira porta aberta ao Occidente, desse outro mundo de phantasia e de sonho que era a China e Japão.

Era a cidade do ouro, das sedas, do chá e dos mysterios desse longiquo Oriente...

Macau foi pois uma joia rica, e se hoje é pobre, resta-lhe o tesouro dessas bellas tradições que é uma joia tambem, que povos ha que as não possuem e que as queriam ter.

Macau é uma das nossas tradições mais bellas, e eu que me prezo de amar as nossas tradições, não podia de forma alguma deixar de querer a Macau. Por isso lhe chamo joia comquanto pobre e despida do seu antigo esplendor.

Mas quem sabe que se esta joia velha fosse ainda lapidada, não poderia figurar sem desdouro no nosso Imperio de Além-mar?

Mas ir além, é demais por agora, e então voltaremos a falar della, dessa colonia, que deve ser de todas as mais querida para o coração dos portuguezes.

JAYME DO INSO

2.º tenente



Por tres caminhos se chega á virtude; pela reflexão que é o mais nobre; pela imitação que é o mais facil; pela experiencia que é o mais amargo.

O novo edificio do Instituto de Cegos «Branco Rodrigues»

Não é a primeira vez que esta revista se occupa do Instituto de Cegos «Branco Rodrigues» e, muito largamente, no n.º 1104 de 30 de agosto de 1909, referindo o que em Portugal desde 1823 — data da fundação do primeiro instituto de cegos pelo duque de Palmela, então ministro de D. João VI — se tem legislado sobre os infelizes cegos, e todas as vicissitudes por que teem passado os respetivos institutos até aos tempos modernos, em que se encontra o Asilo de Cegos de Castelo de Vide, o Asilo Antonio Feliciano de Castilho, o Instituto de Cegos do Porto e o Instituto de Cegos «Branco Rodrigues» de Lisboa.

E' a este ultimo instituto, fundado pelo sr. Branco Rodrigues, que hoje nos temos de referir, a proposito da inauguração do seu novo edificio, construido no Estoril, num terreno generosamente cedido pela sr.ª D. Florinda Cardoso Leal, que assim cooperou para tão benemerita instituição.

O novo edificio foi solenemente inaugurado com a presença de Sua Ex.ª o Presidente da Republica, que foi recebido pelo presidente da commissão municipal sr. coronel Barreto, sr. dr. Arbués Moreira, medico do instituto, pela sr.ª D. Maria Isabel Ponte, que está hoje dirigindo desvelada e carinhosamente esta casa de ensino e de beneficencia, e pelo sr. Branco Rodrigues e convidados.

Os asilados cantaram a *Portuguesa* com acompanhamento de piano pela cega sr.ª D. Luzia Guimarães, e algumas canções do sr. dr. Afonso Lopes Vieira com musica do sr. Thomaz Borba.



O NOVO EDIFÍCIO DO INSTITUTO DE CEGOS «BRANCO RODRIGUES», NO ESTORIL



SUA EX.ª O PRESIDENTE DA REPUBLICA, ACOMPANHADO DO SR. BRANCO RODRIGUES, NA INAUGURAÇÃO DO NOVO EDIFÍCIO DO INSTITUTO DE CEGOS

A nova construção, tão modesta como os recursos de que foi possível dispôr, está comtudo feita conforme as indicações da hygiene e os modernos preceitos deste genero de estabelecimentos, em todas as suas dependencias, como aulas, oficinas, bibliotheca, refeitório, dormitorios, etc.

A visita a este Instituto oferece grandes surpresas, como a de vêr os alunos lêrem e escreverem com facilidade, tanto o portuguez como o francês que se lhes ditar, indicarem no mapa os rios, provincias e terras que se lhes perguntarem. Isto aprendem os cegos pelo método Braille. Não menor surpresa é vêr-os trabalhar nas oficinas onde fazem escovas, pinceis, gaiolas, cestos, canastras, etc. As cegas applicam-se a trabalhos de lavôres muito delicados.

O sr. Branco Rodrigues vem de ha muitos annos dedicando se á educação dos cegos, sendo incansavel em seus esforços para melhorar a sorte destes infelizes, cujo numero se eleva, em nosso país, a cêrca de 8:000, conforme a estatistica que, por instantes diligencias do mesmo senhor, se pôde organizar em 1903.

Uma população de oito mil cegos é já, infelizmente, importante para chamar a attenção publica e, muito em especial, os poderes publicos, para cuidar da sorte destes infelizes, e tornal-os cidadãos prestantes, que vivam do seu trabalho, visto que educados podem ser aproveitaveis.



CLUB NAVAL DE LISBOA — Posse da nova junta directora, dada pelo presidente da assembleia geral, sr. Duarte Holbeche. Ao centro e à direita, srs. Bernardino Ferreira dos Santos, thesoureiro; Joaquim José Mil Homens, suplente; Carlos Prieto Esteves, suplente; Pedro José de Moura, suplente. À esquerda, srs. D. José de Noronha, presidente; Jayme Athias, comandante; D. Antonio Heredia, vice-presidente; Luis de Albuquerque Bettencourt, adjunto do commandante; Alexandre Seabra Santos. Em pé, socios do Club.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

I

«MADRINHA D'ARTISTAS»

Steinbaum lançou um olhar por cima das lunetas para o programma em pergaminho blazonado, distribuido a cada convidado para o sarau da condessa de Rudennis, e depois de ter com um lança d'olhos analysado a lista das obras e dos auctores, inclinou-se para o seu visinho Lescourias, um meridional moreno com aspecto de macaco malicioso.

— Acredita Lescourias, na eficacia d'estas reuniões em que a escolha do programma vae contra o gosto d'aquelles que o formaram?

Lescourias levou Steinbaum para o vão d'uma janella.

— Se eu acredito?! Em tudo menos n'isso. Estamos aqui em alguns d'esses grandes salões onde a musica tem a honra de ser admittida a substituir as marcas de *cotillon*, as ceias em pequenas mesas e as comedias por amadores. Os donos da casa gabam-se d'um dilettantismo que illude os cumprimentos dos compositores que se esforçam para obter a presença, não tanto para dirigirem as

suas composições, mas pelo brilho que dão á festa. Executam-se aqui ás vezes bellas paginas esquecidas, com a vaidade de terem mostrado uma composição rara, da mesma fórma como gostam de exhibir nas suas montras qualquer bugiganga, que o colleccionador visinho não tem. Se a arte aproveita tanto melhor. Mas examinemos o programma. A moda faz aqui lei. Os que são bem recebidos, são os favoritos d'aqui e de toda a parte. Applaudem-se com enthusiasmo. Não têm a alta convicção que é necessario para discernir o valor: Dizem: lugar aos novos! mas não é senão o signal para enfeitar a fachada do modernismo.

No intimo, são desconhecidos e desprezados. Novos talentos se ensaiam aqui, com Fombreuse esta noite, e eu amanhã; mas a tentativa é sempre inutil. A sua passagem fica desconhecida, v'le menos que o sulco do navio na agua do mar. Se entretanto chegam a alcançar uma reputação, recordamo-nos subitamente que, como meteoros obscuros, atravessam a indifferença do lugar, e não têm acanhamento em espalhar que já os tinham advinhado e animado. Sentem-se felizes pela gloria retrospectiva que lançaram na sociedade — d'um destino — persuadindo-se tel-a prophetisado antes. Com respeito aos convidados basta olhar para elles, para formar uma ideia.

No meio d'alguns verdadeiros amigos de musica, ha alguns que nem chegam a ser amadores, *snoobs* que mostram o seu enthusiasmo com as palavras de *musica classica* ou *musica de futuro*, alternativa-

mente pronunciadas; senhoras que nunca faltam á mais pequena reunião musical, sempre promptas a insignificantes desmaios, nunca dizendo mal da casa porque é de bom tom frequentar-la; homens elegantes que só gostam de ver mulheres, fazendo das suas casacas um conjunto necessario aos decotes quasi nus para elles feitos...

— E' essa a minha opinião, disse Steinbaum, que o tinha escutado com o ar serio de um allemão. Repare, chegou agora a vez a Fombreuse por quem nós viemos. A Cozan já está no estrado. Como será recebida a sua obra?

— Tem duvidas, senhor Steinbaum?

— Não... mas...

*
*
*

Depois dos ultimos compassos impacientemente desejados, discretos applausos, coroaram o trabalho dos executantes.

Anna Le Cozan, pegando pela mão de Fombreuse, subiram novamente ao estrado, passando pela porta que se fechava e abria pela mão d'um creado ricamente fardado. Novos applausos se ouviram embora abafados pelas brancas luvas dos convidados.

Na pequena sala, onde os artistas descaçavam, Anna Le Cozan abandonou a mão de Fombreuse, e como não querendo trocar n'aquelle momento quaesquer impressões, procurava pelas flores e cadernos de musica, um pouco apressada,

a manta de gaze com que costumava abafar o pescoço depois de cantar. Mas o compositor, não a deixando e inclinando-se um pouco, disse-lhe quasi ao ouvido:

— Então?

— Então?! Não deve ter receio, recebeu applausos e eu acho me contente de ter contribuido um pouco para as manifestações de apreço com que foi recebido...

Mas estas palavras foram ditas tão friamente, e não desejando que elle visse na sua physionomia o contrario do que acabava de ouvir, continuou a pôr em ordem musicas, partituras e as rendas que estavam espalhadas pelos moveis.

Anna, em cada gesto, na sua voz, mostrava claramente que soffria, porque bem tinha notado a indiferença com que o publico recebera a obra que ella tinha cantado.

Mas este soffrimento não era por ella, porque a reputação de cantora notavel estava feita, mas sim pelo compositor que desejava fazer apreciar.

— Oh! manifestação de apreço! disse o joven musico. Vejo que é assaz modesta; se não fossem os applausos dirigidos á artista, ao vosso talento, os meus nem se ouviriam.

*
*

A condessa de Rodennis, chegou n'aquelle momento risonha e com ares de protectora. Era uma d'essas mulheres que nunca têm idade, que foram galantes, que tinham uma grande côrte de adoradores, mas quando chegam aos cincoenta necessitam d'um certo meio, d'uns certos divertimentos nos seus salões, para assim poderem guardar perto de si, os antigos admiradores que lhe diziam amabilidades e galanteios.

Algumas chamam-os pela boa cosinha, pelos pratos delicados; Rudennis, não foi assim, preferiu a musica.

— Deliciosa! minha diva, disse ella, batendo nas mãos de Anna Le Cozan

como se fosse uma gatinha. Deliciosa! Sempre a perfeição! Desejava encontrar um defeito, mas é impossivel, escarnece da critica. Uma nitidez, uma voz! Quem tal diria olhando para um corpo tão fragil! Então uma suavidade de voz, verdadeiramente extraordinaria... sobre tudo n'esta peça... não, não me recordo agora do nome, tambem não vem nada para o caso. Estou encantada, creia, estaria de joelhos a ouvi-la cantar.

— Oh! sr.^a condessa, muito agradecida. Mas, como poderia cantar mal uma composição como a do sr. Fombreuse?

Foi uma phrase lançada para o joven compositor que no meio da sala olhava timidamente para as mãos.

— E' uma verdade, disse a condessa de Rudennis, voltando-se, a um gesto da cantora, para Fombreuse, que encanto de musica, triste, delicada, e tão pouco vulgar...

(Continúa.)

BRASILEIROS ILUSTRES

Dr. Francisco Pereira Passos

Em viagem do Rio de Janeiro para a Europa, faleceu a bordo do *Araguaya*, um illustre filho do Brasil, dr. Francisco Pereira Passos, antigo prefeito da Capital Federal e distintissimo engenheiro a quem aquella capital deve a sua magnifica estação Central dos Caminhos de Ferro, assim como a cidade de S. Paulo, a estação da Luz, esplendidos edificios, como se pôde vêr pelas gravuras que publicamos.

O dr. Pereira Passos vinha com sua familia fazer uma viagem de recreio pela Europa.

Quando o *Araguaya* chegou ao Tejo, foi a bordo o sr. Raul Gaia, empregado superior do consulado brasileiro, apresentar os pesames á familia do extinto, em nome da Legação e do dito consulado do Brasil, e dispôr o funeral, que sahiu do Posto Maritimo de Desinfecção, para o cemiterio dos Prazeres, ficando o corpo depositado no jazigo municipal, donde, em breve, será trasladado para o Rio de Janeiro.

No dorido prestito que se formou com a inconsolavel familia do finado, incorporaram-se varios membros da colonia brasileira e, entre estes, o sr. dr. Eduardo Lisboa, ministro do Brasil; srs. drs. Veloso Rebelo e Belford Ramos, primeiro e segundo secretarios da legação; Tei-



RIO DE JANEIRO—ESTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO CENTRAL

xeira de Macedo e dr. Vicente Ferrer, consul e vice-consul; Raul Gaia, Henrique de Hollanda, Jorge Clington, José Antonio Juca, José Nogueira

Pinto, Diogo Teixeira de Macedo, etc. Fizeram-se representar a Sociedade de Beneficencia Brasileira em Portugal, e a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, pelo sr. Mario dos Santos.

Junto do jazigo, o sr. Rafael Pinheiro, deputado federal, discursou brilhantemente sobre os altos merecimentos e valor do illustre extinto, que foi um dos cidadãos mais prestantes do Brasil, concorrendo com toda a sua sciencia e esforço de vontade para os grandes melhoramentos materiaes do seu país e, principalmente, para a grande transformação por que está passando a formosa cidade do Rio de Janeiro.



Notas de Arte

O «Poema Symphonico» de João Arroyo

Em audição offerecida á imprensa, realisou-se em casa do auctor, uma deliciosa tarde d'arte, em que ouvimos ao piano a ultima obra de João Arroyo, um *Poema Symphonico* para grande orchestra.

E' uma obra magnifica no genero, cheia de inspiração. Aguardaremos a nossa



CIDADE DE S. PAULO—ESTAÇÃO DA LUZ

Funeral do Dr. Francisco Pereira Passos



A FAMILIA DE PEREIRA PASSOS NO FUNERAL



O PRESTITO SAHINDO DO POSTO DE DESINFECÇÃO. TOMAM AS BORLAS DA URNA O EX.^{MO} MINISTRO DO BRASIL E MAIS MEMBROS DA LEGAÇÃO E DO CONSULADO

critica para quando fôr executada em orchestra, o que será breve, pois constanos que a empreza do *Salão da Trindade* a vae executar com uma orchestra completa em um dos seus concertos. A esta audição, assistiu um grande numero de criticos e amadores de musica.

Centenario de Verdi

Para celebrar o centenario do nascimento de Verdi, organisou M.^{ma} Mantelli uma festa musical com um programa de varias composições do grande maestro, cantadas por distintos discipulos da illustre professora de canto, em que deram brilhantes provas da sua bela voz e excelente metodo, M.^{ma} Couto, M.^{ma} Helena Pery de Linde e Berta Guimarães, e o sr. Raul de Lacerda, que foram muito applaudidos pela seleta assistencia.

Antes do concerto, o nosso illustre colega da redação, sr. Alfredo Pinto (Savagem) fez uma brilhante conferencia sobre Verdi, em que historiou a sua vida e a sua grande obra cuja influencia na arte foi extraordinaria. O conferente, ao terminar, foi muito applaudido.

Exposição de Quadros a oleo e de Aguarellas

No salão Grandella foi inaugurada uma exposição de quadros a oleo e de aguarellas, do sr. Thomaz de Mello e de uma sua discipula, que se apresenta simplesmente com o nome de Emilia.

As obras exposta elevam-se ao numero de 54, em que se encontram algumas de merecimento, que a falta de espaço e de tempo, não nos permitem apreciar nesta simples noticia.

CARTAS D'AMOR

DE
Soror Mariana

N'uma bonita edição ilustrada e constituindo o IX volume da economica *Coleção Diamante*, propriedade da acreditada Livraria Guimarães & C.^a, acaba de ser posto á venda esse precioso livro que vem agora enriquecido com um interessante prefacio de um escriptor moderno, mas de reconhecido merito e que nos honra com a sua bõa amizade, Manuel Ribeiro.

N'uma nota final, Manuel Ribeiro diz duas palavras sobre a edição e que com muito gôsto

transcrevemos aqui, porque, além de trazer uma explicação ácerca da interpretação dada pelo Morgado de Mateus e de Luciano Cordeiro, nos mostra a fórmula clara, precisa e despretenhiosa por que escreve o prefaciador e revisor de livro tão formoso:

«Não pretendemos fazer um trabalho erudito, mas, perdoem-nos a incoerencia da expressão, desentulhar uma bela joia das archeologicas camadas da exegese, e expo-la aos olhos do vulgo na reverberação viva do sentimento e da paixão que a immortalizou.

«Na reversão das cartas á lingua de origem seguimos, d'entre muitos trabalhos, os dois melhores, que são o do Morgado de Mateus e o de Luciano Cordeiro, posto que a interpretação deste ultimo seja uma perfeita adaptação á actualidade e a do Morgado de Mateus mais ao rigor da época.....»

No prefacio dá-nos Manoel Ribeiro o termo obituario da freira Mariana Alcoforado como unico documento revelador do caracter da autora das *Cartas*.

XX-1-CMXXIII.

RUY DE ABOIM.

Cem artigos de Jornaes

Por Sousa Viterbo

Ocupações constantes e absorventes preocupações, empregadas com incansavel energia na remodelação da nossa Revista, nos tem feito cometer, involuntariamente, é certo, uma enormissima falta de que procuramos aliviar-nos agora. Consiste ella em não termos dado, ha mais tempo, noticia e apreciação dos — *Cem Artigos de Jornal* — recolhidos e publicados em volume pelo carinho filial e pelos esforços do saudoso amigo do finado e brilhante escriptor que é Alfredo da Cunha.

Na verdade, nas qualidades que adornam o primoroso espirito de Alfredo da Cunha, nós devemos relevar e enaltecer a amizade grata e comovida que ele sabe tão sensibilisadôramente dedicar aos seus amigos.

Este livro, publicado póstumamente em homenagem a Sousa Viterbo e para comemoração da sua nobre personalidade literaria, contem os mais diversos artigos, versando sobre os mais diversos assuntos, onde se reflete, porém, sempre a luz dum espirito poetico e sabio.

Sousa Viterbo foi um escriptor scintilante, que não abjurando do seu credo literario de mocidade e não renunciando ás suas qualidades eminentes de poeta, soube alargar o ambito do seu espirito na investigação e critica de literatura e de arte.

Ora, mansamente irritado, dum moralismo complacente de bom-gosto, parece insurgir-se contra as tendencias para a obscenidade de certas publicações e exposições — como no artigo *Nú em exposição permanente*, etc.; ora, tradicionalista intransigente, apologia os nossos usos e tradições e comemora as nossas festas — no *Culto da Natureza*, *Santo Antonio de Lisboa*, etc.; agora, deita flôres de saudade e comoção sobre a campa dum illustre amigo — no *José Germano da Cunha*, *Thomaz Ribeiro*, *João de Deus*, etc.; logo, disserta sobre educação da mulher e feminismo, indigencia e beneficencia; depois, fala sobre teatros, e industrias e admira comovidamente admirativo uma faiança de Bordalo.

Em todo o livro se manifesta a sua alma vemente de patriota, o seu bom tino artistico de critica, o seu coração doce e dedicado de amigo. E' um bom livro!

Agradecemos ao sr. dr. Alfredo da Cunha a gentileza da oferta.



Liga Naval Portuguesa. — *Boletim Maritimo*, publicado pelo Conselho Geral. Serie X. Janeiro de 1913, n.º 1. Sumario: *Liga Naval Portuguesa* — *Socorros a naufragos* — *Naufragio do vapor «Varonese»* — *O primeiro salva-vidas portuguez* — *Unificação do Direito Comercial Maritimo* — *Propaganda da Defesa Nacional*, etc.

Ramos & Silva

ELECTRICISTAS E OCULISTAS

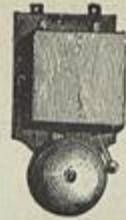
63, Chiado, 65 — Lisboa

INSTALAÇÕES DE PÁRA-RAIOS, CAMPAINHAS, TELEPHONES
E LUZ ELECTRICA

Completo sortimento de oculos, lunetas, binoculos, lorgnons, barometros, thermometros, hygrometros, areometros em todos os generos.

Variado sortimento de aparelhos de phisica e mechanica para escolas primarias e superiores e para brindes a estudantes.

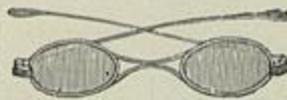
Concertam todos os instrumentos da sua especialidade



Campainhas de todas as qualidades e tamanhos. Pilhas de todos os auctores e para todas as applicações.

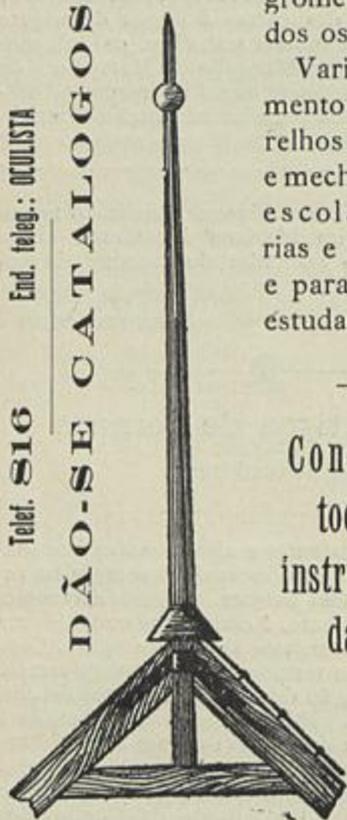


Barometros de bolso, simples e da mais rigorosa precisão; de phantasia proprios para gabinetes, muito uteis aos agricultores.



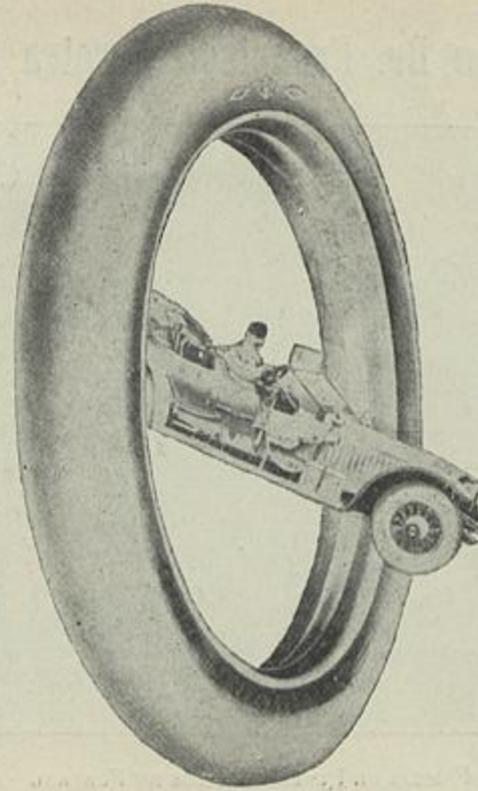
Oculos e lunetas para todos os defectos da vista. Aviam-se receitas dos Ex.^{mos} medicos oculistas.

Trabalho garantido



Telef. 516 End. teleg.: OCULISTA

DÃO-SE CATALOGOS



Venda de chassis, Automoveis de luxo, Cidade e Turismo.

Fiacres, Omnibus, Vehiculos industriaes.

Automoveis agricolas, Barcos automoveis, Aeroplanos.

Balões dirigiveis e tudo que diga respeito á industria automobilista.

Accessorios, etc.

TELEPHONE 3:606

F. DE SEQUEIRA LOPES

Rua Serpa Pinto, 48, ^s/1

LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromoyopia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis.

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO
ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815

Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudoos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.^a, Lisboa. Unico legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua effiacia na debilitade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doencas e sempre que é preciso levantar as forças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

Em percalina com letras a ouro, encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200

EXPEDIENTE

Chamamos a attenção do commercio para os nossos annuncios illustrados com bons desenhos e gravuras, que no papel d'esta Revista produzem optimos resultados, devido ao cuidado e esmero com que essa secção é tratada pelos nossos artistas, ALONSO CHRISTINO DA SILVA, ALBERTO LIMA e PIRES MARINHO. A parte que se refere a annuncios do Estrangeiro está entregue ao sr. Fernando Sequeira Lopes a quem deve ser dirigida toda a correspondencia sobre este assunto á Rua Serpa Pinto, 48 sobre-loja, Lisboa. Para os annuncios do paiz dirigir aos escritorios do OCCIDENTE

Travessa do Convento de Jesus, 4 (Ao Poço Novo) — LISBOA